

FERNANDA PEREIRA

INGLÊS INTERNACIONAL E (R)EXISTÊNCIA
UM PERCURSO RUMO AO CONCEITO DE TRANSLINGUAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino-Aprendizagem de Línguas Adicionais.

BANCA EXAMINADORA



Orientador: Prof. Doutor Henrique Rodrigues Leroy
UFMG/UNILA



Profa. Mestra Simone da Costa Carvalho
UNILA



Profa. Doutora Laura Fortes
UNILA

Fozdo Iguaçu, 06 de julho de 2019.



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO-
APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS
ADICIONAIS - EEALA**

**INGLÊS INTERNACIONAL E (R)EXISTÊNCIA
UM PERCURSO RUMO AO CONCEITO DE TRANSLINGUAGEM**

FERNANDA PEREIRA

Foz do Iguaçu
2019



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO-APRENDIZAGEM
DE LÍNGUAS ADICIONAIS - EEALA**

**INGLÊS INTERNACIONAL E (R)EXISTÊNCIA
UM PERCURSO RUMO AO CONCEITO DE TRANSLINGUAGEM**

FERNANDA PEREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino-Aprendizagem de Línguas Adicionais.

Orientador: Prof. Doutor Henrique Rodrigues Leroy

Foz do Iguaçu
2019

FERNANDA PEREIRA

INGLÊS INTERNACIONAL E (R)EXISTÊNCIA
UM PERCURSO RUMO AO CONCEITO DE TRANSLINGUAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino-Aprendizagem de Línguas Adicionais.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Doutor Henrique Rodrigues Leroy
UFMG/UNILA

Profa. Mestra Simone da Costa Carvalho
UNILA

Profa. Doutora Laura Fortes
UNILA

Fozdo Iguaçu, _____ de _____ de _____.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): Fernanda Pereira

Curso: Especialização em Ensino-Aprendizagem de Línguas Adicionais - EEALA

| Tipo de Documento | |
|------------------------|--|
| (.....) graduação | (.....) artigo |
| (..X..) especialização | (.....) trabalho de conclusão de curso |
| (.....) mestrado | (.....) monografia |
| (.....) doutorado | (.....) dissertação (.....) tese |
| | (.....) CD/DVD – obras audiovisuais |
| | (.....) _____ |

Título do trabalho acadêmico: Inglês Internacional e (R)existência: um percurso rumo ao conceito de translinguagem.

Nome do orientador(a): Professor Doutor Henrique Rodrigues Leroy

Data da Defesa: _____ / _____ / _____

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública Creative Commons Licença 3.0 Unported.

Foz de Iguaçu, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Responsável

AGRADECIMENTOS

Ao meu professor *oriendivo*, Henrique Rodrigues Leroy, que com seu jeitinho *mineirin'* me resgatou e me trouxe para o mundo da translinguagem, através da extensão universitária e do programa Idiomas sem Fronteiras – IsF, experiências que expandiram minha visão da Língua Inglesa. Pela parceria e companheirismo, durante as travessias Foz-Cascavel, pela amizade e todas as conversas e risadas que demos juntos. Pela orientação e pela paciência que teve comigo nestes últimos dias, durante este trabalho. Lindeza de orientador!!!!

Às professoras Simone da Costa Carvalho e Laura Fortes, por aceitarem prontamente fazer parte da banca de defesa. Pela leitura atenta e pelos apontamentos valiosos que colaboraram com a escrita deste trabalho.

À queridas colegas de curso, pelas discussões ao longo das disciplinas, pelo apoio nas etapas que tivemos que cumprir, pela companhia e parceria nos longos sábados. Por compartilharem os momentos de cansaço, de desespero, de angústia, de incertezas, mas também de descontração, de diversão, de risadas, de crescimento e de felicidades ao longo deste caminho.

PEREIRA, Fernanda. **Inglês Internacional e (R)existência**: um percurso rumo ao conceito de translinguagem. 2019. 30 f. Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Ensino-Aprendizagem de Línguas Adicionais – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2019.

RESUMO

Este trabalho busca refletir, a partir do relato de minha experiência como estudante, falante, e professora de Língua Inglesa, como a variedade internacional desta língua, conhecida como Inglês Internacional/Mundial ou Global, materializa formas de resistência contra o discurso hegemônico linguístico, que emerge a partir do surgimento dos Estados Nação (séculos XV, XVI) e que segue produzindo efeitos, resultando em práticas opressoras de ensino-aprendizagem de línguas. Tomaremos como base teórica os textos de Rajagopalan (1999, 2011) para compreender como esta língua híbrida desconstrói mitos fundadores de uma concepção de língua transparente, unificada e estável. E em seguida, utilizaremos como base os textos de Leroy (2018) e Garcia & Leiva (2014) para pensarmos a resistência por meio do conceito de translinguagem e sua prática libertadora. Assim, traçaremos um percurso no qual o Inglês Internacional pode ser compreendido como translinguagem, quebrando o mito de hierarquia entre línguas, transformando a realidade dos falantes, libertando-os de discursos e práticas linguísticas opressoras, agindo como um mecanismo de justiça social.

Palavras-chave: Inglês Internacional. Translinguagem. Resistência.

PEREIRA, Fernanda. **International English and (R)existence: a journey towards the concept of translanguaging**. 2019. 30 p. End of course paper in Specialization in Teaching and Learning of Additional Languages – Federal University of Latin-American Integration, Foz do Iguçu, 2019.

ABSTRACT

This work aims to reflect, based on my experience as a student, speaker and teacher of English Language, how the international variety of this language, known as International/World or Global English, materializes forms of resistance against the linguistic hegemonic discourse that appears with the emergence of the Nation States (around 15th, 16th centuries) and continues to produce effects, resulting in oppressive practices of language teaching and learning. We will take as a theoretical basis the texts of Rajagopalan (1999, 2011) to understand how this hybrid language deconstructs founding myths of a conception of a transparent, unified and stable language. And then we will use the texts of Leroy (2018) and Garcia & Leiva (2014) as a basis to think about resistance through the concept of translanguaging and its liberating practices. Thus, we will trace a path in which International English can be understood as translingual, breaking the myth of hierarchy between languages, transforming the reality of speakers, freeing them from discourses and oppressive linguistic practices, acting as a mechanism of social justice.

Keywords: International English. Translanguaging. Resistance.

PEREIRA, Fernanda. **Inglés Internacional y (R)existencia: un recorrido hacia el concepto de translenguaje**. 2019. 30 h. Trabajo de Conclusión del Curso de Especialización en Enseñanza-Aprendizaje de Lenguas Adicionales - Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, Foz do Iguacu, 2019.

RESUMEN

Este trabajo busca reflexionar, a partir del relato de mi experiencia como estudiante, hablante, y profesora de Lengua Inglesa, como la variedad internacional de esta lengua, conocida como Inglés Internacional/ Mundial o Global, materializa formas de resistencia contra el discurso hegemónico lingüístico, que se empieza a partir del surgimiento de los Estados Nación (siglos XV, XVI) y que sigue produciendo efectos, resultando en prácticas opresoras de enseñanza-aprendizaje de lenguas. Tomaremos como base teórica los textos de Rajagopalan (1999, 2011) para comprender cómo esta lengua híbrida desconstruye mitos fundadores de una concepción de lengua transparente, unificada y estable. Y a continuación, utilizaremos como base los textos de Leroy (2018) y García & Leiva (2014) para pensar la resistencia por medio del concepto de translenguaje y su práctica liberadora. Así, trazaremos un recorrido en el que el Inglés Internacional puede ser comprendido como translenguaje, rompiendo el mito de jerarquía entre lenguas, transformando la realidad de los hablantes, liberándolos de discursos y prácticas lingüísticas opresoras, actuando como un mecanismo de justicia social.

Palabras clave: Inglés Internacional. Translenguaje. Resistencia.

LISTA DE IMAGENS

| | |
|--|----|
| Imagem 1 – Frase de Angela Davis | 21 |
| Imagem 2 – Shameless UK series | 22 |
| Imagem 3 – Poster da série Atlanta | 22 |
| Imagem 4 – Captura de “This is America” | 22 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS..... | 12 |
| 2 DESENVOLVIMENTO | 13 |
| 2.1 MINHA HISTÓRIA COM A LÍNGUA INGLESA | 13 |
| 2.2 <i>WORLD ENGLISH</i> ou INGLÊS INTERNACIONAL | 15 |
| 2.3A LÍNGUA EM SUA FACE DE (R)EXISTÊNCIA | 19 |
| 2.4 UM PERCURSO RUMO AO CONCEITO DE TRANSLINGUAGEM | 23 |
| 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 28 |
| REFERÊNCIAS..... | 30 |

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho busca refletir, a partir do relato de minha experiência como estudante, falante, e professora de Língua Inglesa, como a variedade internacional desta língua, conhecida como Inglês Internacional/Mundial ou Global, materializa formas de resistência contra o discurso hegemônico linguístico, que emerge a partir do surgimento dos Estados Nação (séculos XV, XVI) e que segue produzindo efeitos, resultando em práticas opressoras de ensino-aprendizagem de línguas.

No desenvolvimento deste trabalho, apresentarei um relato de minha história com a Língua Inglesa, a fim de demonstrar como práticas docentes normativas e mitos em torno do conceito de língua, nos constituem e nos guiam em direção a atitudes opressoras com relação ao ensino-aprendizagem. Além disso, o relato busca demonstrar que apesar deste discurso hegemônico que circula sobre a Língua Inglesa, a realidade de um ambiente pluricultural provou ser totalmente diversa nas práticas dos falantes que nela enunciam, transformando-a em uma variedade híbrida e fluida.

Em seguida, tomaremos como base teórica os textos de Rajagopalan (1999, 2011) para compreender como esta língua híbrida desconstrói mitos fundadores de uma concepção de língua transparente, unificada e estável. E os textos de Leroy (2018) e Garcia & Leiva (2014) para pensarmos a resistência por meio do conceito de translinguagem e sua prática libertadora. Assim, traçaremos um percurso no qual o Inglês Internacional pode ser compreendido como translinguagem, quebrando o mito de hierarquia entre línguas, transformando a realidade dos falantes, libertando-os de discursos e práticas linguísticas opressoras, agindo como um mecanismo de justiça social.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 MINHA HISTÓRIA COM A LÍNGUA INGLESA

Comecei a estudar Inglês na adolescência, com 12 anos de idade, em uma escola de idiomas local, na cidade onde eu morava, Joinville/SC. Acredito que como a maioria dos estudantes de língua estrangeira, meu primeiro contato com a língua me fez mergulhar na ideologia dominante da época e que ecoa até hoje em muitas escolas de idiomas e entre os cursos de formação de professores. A preocupação era buscar aproximar-se ao máximo do falante-nativo, almejando não ter “sotaque de brasileiro”. Perguntas como: “Como se pronuncia esta palavra no sotaque britânico?”; ou “Essa é uma expressão usada nos Estados Unidos.”; ou ainda “Professora, você fala o Inglês Britânico ou o Inglês Americano?” povoavam as aulas. O ápice era quando a escola anunciava que no semestre seguinte teríamos aulas com um americano, ou um inglês que estava no Brasil, pessoas que normalmente estavam viajando pelo país e davam aulas para conseguir algum dinheiro. O falante-nativo¹ era a autoridade máxima da língua, as variedades que existiam neste universo eram apenas as faladas nos Estados Unidos e Inglaterra e nosso o objetivo, como alunos, era alcançar esta “perfeição”.

Assim, me constituí como falante de uma língua que conhecia apenas aqui no Brasil. Eu não tinha noção da complexidade do universo da linguagem, tampouco dos discursos opressores que nele residem, e mais tarde esta perspectiva opressora se refletia em minhas práticas em sala de aula, quando passei a dar aulas de inglês, também sem formação acadêmica para fazê-lo. Foi anos mais tarde, como falante da Língua Inglesa que comecei a percebê-la como uma outra coisa, diferente do modelo utópico/mítico no qual me constituí. Em 2003, comecei a trabalhar para uma empresa americana em Curitiba/PR. O principal requisito para o cargo era ser fluente em Língua Inglesa, *status* que na época eu não acreditava possuir por não falar igual a um falante nativo do Inglês. Mesmo assim, me candidatei para a vaga e logo que comecei a trabalhar mergulhei em uma realidade totalmente diferente daquela que eu imaginava.

¹ Segundo Rajagopalan (1999), a ideia de “falante nativo de uma língua” (criatura mítica, falante de uma língua padrão também utópica) está alinhada com uma ordem mundial que presenciou o surgimento dos Estados-nação na Europa, durante os séculos XV e XVI, cada um com suas novas fronteiras demarcadas, definidas de acordo com aspectos linguísticos e culturais. As diferenças e disparidades entre dialetos regionais e de classe foram ignoradas em nome da conveniência política de unificação nacional.

A empresa, multinacional do petróleo, tinha escritórios, bases de operação, refinarias, plataformas de extração em praticamente todos os continentes, excluindo alguns poucos locais que não tinham relações diplomáticas com os Estados Unidos na época (como Cuba, Afeganistão e Coreia do Norte, etc.). Trabalhei em diferentes setores do suporte de informática que atendia a todo o sistema, seguindo um regime de trabalho denominado “*follow the sun*”(seguindo o sol). Na prática, atendíamos a todo o sistema de TI da empresa, durante o nosso dia, e quando saímos do escritório uma equipe equivalente a nossa passava a fazer o mesmo trabalho, localizada na Tailândia. No final do dia, a equipe da Bangkok fazia a transição do trabalho para um terceiro grupo na Hungria, que dava suporte durante o *gap* existente entre o fuso horário do Brasil e Tailândia. Quando eu chegava no escritório, ao meio-dia, minha primeira atividade era ligar para Budapest para “receber” o sistema, e minha última atividade do dia, às 21h, era passar o sistema para um representante da equipe de Bangkok.

Ao longo do dia, os contatos eram variados e os mais imprevisíveis possíveis, dependendo das atividades nas quais estávamos envolvidos. A equipe responsável pelos *Data Centers* estava localizada no Texas/EUA, a chefia imediata em Bruxelas/Bélgica; os responsáveis pelos bancos de dados em Hamburgo/Alemanha; e cada sistema, em específico, tinha seus representantes que nos contactavam a cada problema, nos diferentes países nos quais a empresa operava. Uma vez por mês, um de nós ficava “*on call*”, de plantão, para dar apoio aos grupos que estavam realizando o suporte durante a nossa noite aqui no Brasil. Muitas vezes fui acordada com ligações da Ásia, Europa, Oceania, e em seguida eu passava a acordar meus colegas de trabalho nos EUA, Canadá e América Latina para resolvermos o problema em conjunto.

No início, minhas primeiras interações eram com os meus colegas de trabalho em Dallas ou Houston, e apesar de meus anos de estudo e contato com a Língua Inglesa, o sotaque, de ambos os lados, intimidava e dificultava a comunicação. No entanto, com o passar dos meses, rapidamente percebi que a maior habilidade que eu poderia ter nesse contexto era aprender a identificar os sotaques e assim conseguir entender mais rapidamente o que meu colega de trabalho estava tentando transmitir. Além disso, percebi o quanto o conhecimento (mesmo que básico) de outras línguas como o Alemão, o Italiano, o Francês e o Espanhol me ajudava nesta tarefa, pois me possibilitava prever as possíveis variações na Língua Inglesa produzidas por falantes destas outras línguas. Mais tarde, esta habilidade foi se aperfeiçoando e passei a identificar não só os sotaques dos húngaros,

belgas, tailandeses, alemães, latinos, indianos, mas também quem dos meus colegas americanos eram descendentes de latinos e mudávamos a conversa para o Espanhol durante nossas seções de trabalho, ou quando outros latinos entravam nas “*bridge lines*”². Apesar de estarmos trabalhando em uma empresa americana, comandada por americanos em sua maioria, estes nativos eram a minoria entre os trabalhadores. E durante quase 8 anos de minha vida os dias se passaram assim, mergulhada em um universo pluricultural, no qual o Inglês era nossa Língua Franca. Não o Inglês Americano ou Britânico, ou qualquer outra variedade padrão, mas um Inglês híbrido, dominado e modificado constantemente por nós falantes.

Na próxima seção, buscaremos compreender como essa variedade internacional da Língua Inglesa rompe com paradigmas e abre espaços que são ocupados pela subjetividade dos falantes, possibilitando mudanças.

2.2 *WORLD ENGLISH* ou INGLÊS INTERNACIONAL³

A primeira vez que ouvi falar em Inglês Global/Internacional foi em 2014. Eu já estava morando na fronteira há 4 anos e já tinha terminado a graduação em Letras. Neste momento, eu já enxergava a Língua Inglesa como algo mais, além do sistema fechado de “códigos e estruturas unificadas – como se as línguas estivessem separadas em caixinhas dentro dos sujeitos – (LEROY, 2018, p.21)”, que me havia sido apresentado durante o curso de formação. Minha vivência como falante da língua me fez compreendê-la como uma ferramenta fluida de comunicação, algo que eu imaginava ser uma espécie de Língua Franca. Foi em uma palestra na Unioeste de Toledo/PR que o professor Kanavillil Rajagopalan explicou e teorizou tudo aquilo que eu havia vivido, por anos, mas que ainda não tinha ouvido falar na academia.

Na época, o professor chamou o *World English* de um “fenômeno linguístico”, pois ainda existiam teóricos que se recusavam a chamá-lo de língua, já que o Inglês Internacional era falado por falantes não-nativos. Além disso, a existência desta língua híbrida desconstruía um outro mito, o de uma língua pura. Segundo Rajagopalan (2011), a mistura não é o problema, mas sim o conceito de “pureza” em si, principalmente quando este conceito é tomado como arma política contra supostas ameaças de contaminação

² Conferências telefônicas que eram a principal ferramenta de comunicação durante as atividades desenvolvidas.

³ Neste trabalho, utilizaremos o termo Inglês Internacional como sinônimo de *World English*, *Global English*, Inglês Global, Inglês Mundial ou ainda Inglês como Língua Franca.

(miscigenação). Citando uma resposta de David Crystal sobre *code-mixing*⁴, o autor coloca que:

*I take that he was treating as beyond any contestation the idea that code-mixing is the linguistic counterpart of racial/ethnic miscegenation and that purism in relation to language is analogous to racism and just as abhorrent. (RAJAGOPALAN, 2011, p.58).*⁵

Ou seja, a ideia de purismo em relação às línguas seria equivalente à ideia de racismo, e que a aversão dos puristas é, na realidade, uma aversão à ordem natural das coisas, já que as línguas são naturalmente híbridas em sua formação. Pois, “*The notion of purity is as mythical then as it is now [...] In other words, hybridity is of the very essence, not just of English but probably every other language, on the face of this earth*” (RAJAGOPALAN, 2011, p. 61)⁶. O autor ainda explica que o colonialismo do século XIX se sustentava sobre o mito da superioridade de algumas raças sobre outras. E é sobre esta mentalidade que se sustenta a ideia de que determinadas línguas seriam superiores a outras.

It is important to recognize that the very idea of language serves all too often as a proxy for manifesting some of our deep-seated beliefs and indeed prejudices that we would, once again, much rather repress.(RAJAGOPALAN, 2011, p.59)⁷.

Segundo o autor, quando utilizamos adjetivos como elegante, clássica, linda, civilizada, primitiva para classificar as línguas, estamos atribuindo a elas qualidades de pessoas ou coisas. As línguas não são nunca feias ou bonitas, civilizadas ou primitivas. Estes adjetivos refletem, na verdade, nossas crenças, atitudes, visões estereotipadas com relação aos falantes desta língua. Além disso, a história nos mostra que nenhuma língua ou nação consegue prosperar em isolamento.

That is to say, the vitality of a living language is only guaranteed by inter-animation with other languages. From a historical perspective, it is fairly easy to argue that the languages that have best weathered the times are the ones that have had no qualms about inter-mixing with the others they come into contact

⁴ Mistura de códigos é a mistura de duas ou mais línguas ou variedades de linguagem na fala.

⁵ Suponho que ele estivesse tratando, além de qualquer contestação, a ideia de que a mistura de códigos é a contrapartida linguística da miscigenação racial/étnica e que o purismo em relação à linguagem é análogo ao racismo e igualmente abominável. (RAJAGOPALAN, 2011, p.58, tradução nossa).

⁶ A noção de pureza era tão mítica antes quanto é agora [...] Em outras palavras, o hibridismo é da própria essência, não apenas do inglês, mas provavelmente de todas as outras línguas, na face da Terra” (RAJAGOPALAN, 2011, p.61, tradução nossa)

⁷ É importante reconhecer que a própria ideia que fazemos de uma língua serve, muitas vezes, como um meio para manifestar algumas das nossas crenças e preconceitos arraigados e que, mais uma vez, preferimos reprimir (RAJAGOPALAN, 2011, p.59, tradução nossa).

with. (RAJAGOPALAN, 2011, p.60)⁸.

E para ele, a Língua Inglesa é um dos melhores exemplos de uma língua que se beneficiou do contato com outras línguas. Foram milhares de empréstimos, do Latim, do Francês, Hindi-Urdu, e Nahuatl⁹. O autor define a Língua Inglesa como uma “*hoover language*” que suga e devora tudo que atravessa seu caminho. Ou seja, a hibridização sempre esteve lá, desde o início, mas foi esquecida, camuflada e apresentada como “pura”.

A ideia de pureza foi construída pelo discurso colonial, mas produziu subjetividades, constitui sujeitos que seguem reproduzindo este discurso e práticas de ensino que refletem esta construção ideológica opressora. Assim, como o autor coloca, é necessário superar e transcender estes mitos (falante-nativo, pureza, erro, homogeneidade e transparência das línguas) e nos questionarmos sobre que tipo de atitude vamos adotar frente à Língua Inglesa: “*We need to decide whether to master the language or, instead, allow themselves to be mastered by it*” (RAJAGOPALAN, 2011, p.62)¹⁰.

A partir das palavras do professor, naquela noite em Toledo/PR, passei a olhar para minha experiência com a Língua Inglesa sob uma ótica mais crítica. No Inglês que falávamos no ambiente de trabalho, os sentidos eram negociados a cada interação entre falantes de diferentes línguas. A diversidade cultural não era apagada ou oprimida pela Língua Inglesa, mas se materializava nela, por meio das marcas que imprimíamos ao enunciarmos a partir dos lugares que ocupávamos neste ambiente global. E era por meio desta materialidade, que falantes de realidades muito diferentes acabavam por se identificarem e compartilharem histórias, dores, anseios, frustrações e realizações muito próximas, mostrando na prática que “É por intermédio das relações dialógicas que nos transformaremos em seres solidários e um constante estado de emancipação” (LEROY, 2018, p.35).

Segundo Moita-Lopes (2008) esta língua não corresponde a um estado ou nação, devido ao seu alcance global, representa uma possibilidade de ter acesso a outros discursos sobre o mundo e sobre quem somos ou podemos ser, sendo, portanto, um veículo para construir uma outra globalização com base nos interesses de seus falantes. O uso do

⁸ Ou seja, a vitalidade de uma língua viva é garantida pela inter-animação com outras línguas. De uma perspectiva histórica, é relativamente fácil argumentar que as línguas que melhor resistiram ao tempo são aquelas que não hesitaram em se misturar com as outras em que entram em contato. (RAJAGOPALAN, 2011, p.60, tradução nossa).

⁹ Língua Azteca, citada pelo autor, da qual vieram empréstimos como tomate e chocolate, por exemplo.

¹⁰ Precisamos decidir se devemos dominar a língua ou, ao invés disso, permitir sermos dominados por ela. (RAJAGOPALAN, 2011, p.62, tradução nossa).

inglês pode ser um lugar de heterogeneidade discursiva e de construir diálogos com a vida local.

Desta forma, o Inglês Internacional é, portanto, uma língua falada por falantes não-nativos, híbrida e em constante negociação. Os falantes apropriam-se da língua, trazendo para ela as marcas de sua subjetividade. Estas marcas se materializam não só em formas mais facilmente perceptíveis como morfológicas ou fonéticas, mas também em aspectos mais profundos como em variações sintáticas e semântico-culturais. Comecei minha graduação em Letras após estar trabalhando neste ambiente por 4 anos e minha diversão era perceber, nestas interações, as diferentes marcas produzidas por nós, falantes. Lembro-me dos tailandeses pronunciando todos os sons de /v/ como /w/; de alguns indianos produzindo o som de /s/ no lugar de /ʃ/; e de colegas húngaras me dizendo que achavam “fofo” a forma como os meninos brasileiros acrescentavam um “ee” ao final das palavras, como em “*lapitópi*” (laptop). Em um nível sintático, me marcava a forma como os húngaros não usavam o verbo de ligação em situações como “*My name Gábor*” ou “*Hello, we here*”.

No campo semântico-cultural cito as diferentes formas dos tailandeses dizerem “não, muito educadamente, sem utilizar formas de negação e a correria dos americanos, povoando emails, *chats* e interações orais com seus acrônimos (ASAP, FYI, BRB, etc.¹¹). Ainda neste contexto, foi por meio das situações envolvendo questões culturais e semânticas que percebi o quão relativas são as posições que ocupamos frente ao outro e me percebi neste lugar de falante. E assim como as múltiplas identidades negociadas a cada momento nesta língua híbrida eu também me constituía, a cada interação, de forma diferente. Em alguns momentos eu era /fər'nændə/ (no sotaque dos americanos), em outros *Fernandahhh* (quando me ligavam os tailandeses), ou *Fér-nonda* (no sotaque húngaro), além de ser *María Fernández*, quando buscavam por mim meus colegas latinos.

É justamente nestes aspectos que o Inglês Internacional desconstrói outro mito que segue produzindo efeitos nas práticas docentes, o mito do erro. A primeira reação de um falante cuja subjetividade se constitui a partir de um discurso opressor e hegemônico, com relação às línguas, é apontar todas estas marcas como erros. No entanto, uma visão de material de língua¹² nos mostra que estas marcas constituem, segundo Leroy (2018),

¹¹ASAP: *As soon as possible* (o mais rápido possível) – *Do it ASAP!* (Faça isso o mais rápido possível);
FYI: *For your information* (Para sua informação) – *Just FYI, we will do this update next weekend.* (Só para sua informação, faremos esta atualização do sistema no próximo fim de semana) ;
BRB: *Be right back!* (Já volto!).

¹²Segundo Pêcheux (2014), a língua, como meio de comunicação entre os homens, não é um meio científico, transparente, exato como outras formas de comunicação, porque ela possui uma materialidade específica que

práticas translinguageiras que preconizam a perspectiva do falante, o qual produz traços linguísticos diversos em um repertório linguístico dinâmico que lhe é próprio.

A partir desta reflexão, comecei a perceber que neste contexto de exploração global (neocolonial) eu existia, como trabalhadora barata, mulher jovem em uma profissão dominada por homens mais velhos, latina em uma empresa americana, mas, por meio da língua, eu resistia às diferentes formas de opressão (veladas ou não) que ali se colocavam.

2.3A LÍNGUA EM SUA FACE DE (R)EXISTÊNCIA¹³

Em sua reflexão sobre “O Sujeito e o Poder”, Foucault (1995) fala das formas de resistência, inerentes às relações de poder, já que estas possuem como condição de existência (pressuposto e condição para seu suporte permanente – p.244) a liberdade. Segundo o autor, é possível se compreender o que são as relações de poder por meio da investigação de suas formas de resistência. Estas surgem como um catalisador de modo a esclarecer as relações de poder, descobrir seu ponto de aplicação e os métodos utilizados.

O autor analisa uma série de oposições que se desenvolveram ao longo da história: oposição ao poder dos pais sobre os filhos, do psiquiatra sobre o doente mental, da medicina sobre a população, da administração sobre o modo de vida das pessoas, e a oposição ao poder dos homens sobre as mulheres. E por que não acrescentar a esta lista a resistência do falante ao poder do discurso linguístico hegemônico¹⁴?

Foucault (1995) explica que essas lutas antiautoritárias possuem características comuns. São transversais, não estando limitadas a um país ou a uma forma política e econômica específica. Opõem-se ao controle sobre os corpos dos sujeitos, sua saúde, sua vida e morte. São imediatas, preocupando-se em solucionar problemas do cotidiano, criticando instâncias de poder mais próximas aos sujeitos. Atacam a fragmentação da vida comunitária e se opõem aos privilégios do saber, à deformação e às representações mistificadas impostas às pessoas. A partir desta perspectiva, passei a pensar no Inglês Internacional como uma variedade na qual a resistência à dominação se materializa, por não

“permite ao mesmo tempo a comunicação e a não-comunicação, isto é, autoriza a divisão sob a aparência da unidade” (PÉCHEUX, 2014, p.83).

¹³ No sentido de existir resistindo, ou ainda resistir para existir.

¹⁴ A crença em que existe uma língua padrão, modelo a ser seguido por todos os falantes, sem variações, uma, pura e transparente, superior a outras variações que não se encaixem neste modelo.

estar limitada a uma nação ou estrutura econômica específica; opondo-se ao controle dos sujeitos, na medida em que estes a transformam a fim de atender as suas necessidades comunicativas; sendo imediata, pois por meio dela se problematizam questões referentes à raça, gênero e classe a todo momento; e por desconstruir os mitos de um discurso linguístico opressor.

Alguns anos mais tarde, já no ambiente acadêmico, buscando trabalhar com o Inglês sob uma perspectiva crítica, me deparei com um discurso que desconhecia sua variedade global, apátrida, e ainda a rotulava como uma língua de dominação cultural associada ao imperialismo britânico (século XIX) e ao neo-colonialismo americano no século XX. Este discurso me incomodava muito, pois, a partir da minha vivência com a língua pude perceber que era possível buscar nela marcas de resistência em diferentes aspectos de seu funcionamento. Ou seja, a partir de seu caráter global, questionar suas práticas hegemônicas e de dominação. Para Rajagopalan (1999, p.200),

[...] the whole idea of the English language exercising a hegemonic role in the world today, and threatening the very survival of minority languages, has been grossly and sensationally blown out of proportion. Moreover, this has taken place at the cost of turning a blind eye to some of the fundamental facts about natural languages and the way they function in the real world¹⁵.

De acordo com o autor, só é possível compreender o caráter internacional do Inglês hoje, dissociando-o da condição colonial de sua primeira difusão. Esta ideia ainda reflete uma visão de língua cuja comunicação é sempre perfeita e harmônica, em um espaço monolíngue, que não ainda não se deu conta de que *“English as a language now belongs to all those who use it.”*(RAJAGOPALAN, 1999, p.203)¹⁶.

Além disso, olhar para a Língua Inglesa considerando apenas o aspecto colonial, produz um apagamento de todas as formas de resistência produzidas nesta língua. Desde materialidades escritas, musicais, fílmicas e imagéticas que criticam fortemente a cultura imperialista de Estados Unidos e Inglaterra, geradas por falantes nativos. Passando pelas variações linguísticas (lexicais e fonéticas) existentes em regiões de dominação inglesa, como no Inglês falado na Irlanda e Escócia, por exemplo. Até o surgimento de

¹⁵ [...] toda a ideia da Língua Inglesa exercendo um papel hegemônico no mundo de hoje, ameaçando a sobrevivência de línguas minoritárias, foi difundida de forma desproporcional (grosseira e sensacionalmente). Além disso, isso ocorreu à custa de fechar os olhos a alguns dos fatos fundamentais sobre línguas naturais e a maneira como elas funcionam no mundo real. (RAJAGOPALAN, 1999, p.200, tradução nossa).

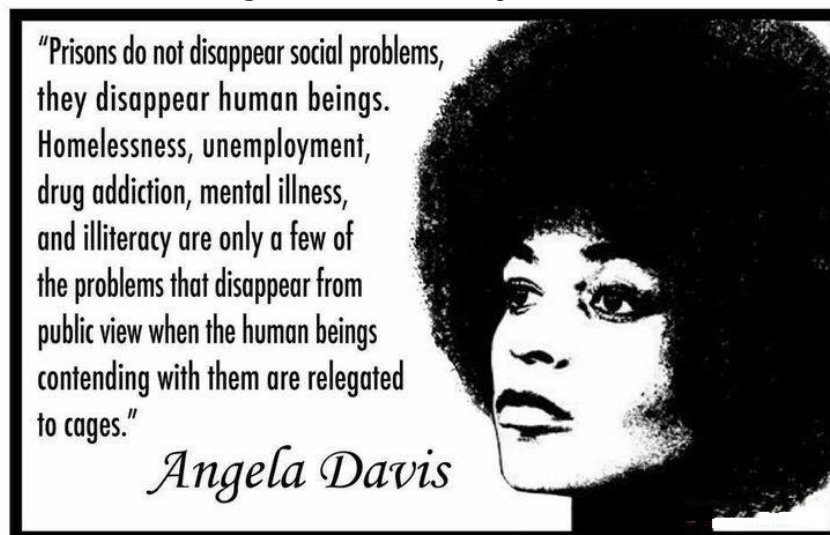
¹⁶ O Inglês como uma língua agora pertence a todos aqueles que o usam. (RAJAGOPALAN, 1999, p.203, tradução nossa).

variedades híbridas como o *Spanglish*¹⁷ e o híbrido de Inglês e Hindi falado pelos jovens indianos. São nestas regiões de contato que é possível perceber, na língua, a materialização das formas de resistência.

O contato com este outro universo de material autêntico¹⁸, me fez pensar em como eu poderia colocar em minha prática docente o trabalho com a Língua Inglesa a partir de uma perspectiva crítica, colocando questões políticas, culturais e ideológicas, buscando romper com as macroestruturas de dominação linguística e cultural, trazendo à tona as diferenças, desafiando as hegemonias, desconstruindo discursos dominantes, discutindo formas de representação de grupos minoritarizados (questões de raça, gênero, classe, etc.).

Trechos de textos de Angela Davis, como na imagem 1 abaixo, podem ser utilizados em sala de aula, buscando relacionar a realidade americana da época, apresentada pela autora, ao imaginário dos alunos sobre os Estados Unidos.

Imagem 1 – Frase de Angela Davis¹⁹



Fonte: Pinterest

Discutir com os alunos sobre o que mudou desde a luta pelos direitos civis nos EUA, durante a década de 70, e em que aspectos o texto de Angela reflete a realidade

¹⁷ Dentre algumas práticas translingües híbridas (r)existentes da Tríplice Fronteira podemos citar o portunhol e o jopará (guarani e espanhol).

¹⁸ Definimos material autêntico, neste trabalho, como materiais falados ou escritos, que não foram especificamente elaborados (projetados) para ensino de língua. Seriam manifestações da língua em seu contexto real, produzidas por seus falantes, nos diferentes gêneros das atividades humanas, como TV, rádio, jornais, revistas, séries de TV, novelas, músicas, conversas informais do dia a dia.

¹⁹ Prisões não fazem desaparecer problemas sociais, elas fazem desaparecer seres humanos. A falta de moradia, o desemprego, a doença mental, a dependência de drogas e o analfabetismo são apenas alguns dos problemas que desaparecem da visão pública quando os seres humanos que sofrem com eles são relegados a grades. (Frase da ativista, filósofa americana Angela Davis – tradução nossa).

brasileira atual, pode ser um exercício interessante no trabalho com a Língua Inglesa a partir de uma perspectiva crítica e translíngua²⁰.

Produções que mostram outras faces da vida em países considerados “desenvolvidos” como a série inglesa *Shameless* (imagem 2), que narra o cotidiano de uma família inglesa abordando temas como desemprego, alcoolismo, analfabetismo, preconceito, etc.

Imagem 2 – Shameless UK series



Fonte: https://shameless.fandom.com/wiki/Series_2

Ou ainda produções mais contemporâneas como a série *Atlanta* (imagem 3) e o vídeo-clipe *This is America* (imagem 4), ambos produzidos por pelo ator e cantor Donald Glover, colocando questões de uma parcela da população americana que vive à margem, vulnerável à violência física e simbólica produzida pelo Estado.

Imagem 3 – Poster da série Atlanta



Fonte: <http://thetowerlight.com>

Imagem 4 – Captura de “This is America”



Fonte: <https://www.rollingstone.com>

²⁰ O conceito de translíngua será abordado no próximo item deste trabalho.

“Teaching English can no longer be taken as simply teaching language²¹”

(RAJAGOPALAN, 1999, p.200). Foi neste ponto, já como moradora da fronteira, em contato com outra realidade linguística, que percebi que ensinar Inglês (ou qualquer outra língua) transcendia aquilo que eu tinha aprendido sobre o que era ensinar uma língua até o momento. Assim, novas experiências com a Língua Inglesa, em um espaço totalmente diferente do descrito anteriormente, me levou a uma outra visão da língua, o conceito de *translinguagem*, que será apresentado no próximo item deste trabalho.

2.4 UM PERCURSO RUMO AO CONCEITO DE TRANSLINGUAGEM

Habitar a fronteira e trabalhar na Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA transformou minha relação com a linguagem para além daquilo que eu já achava ter sido transformador em minha história com a Língua Inglesa. Estar neste ambiente de riqueza cultural e ter a habilidade de transitar diariamente por este oceano de línguas, sensibilizou meu olhar para a busca de “práticas transformadoras e libertadoras” (Leroy, 2018). Foi em 2015, a partir da experiência que tive como bolsista do programa Idiomas sem Fronteiras – IsF, na UNILA, que ouvi pela primeira vez a palavra “translinguagem”, durante uma das reuniões semanais que tínhamos com o professor coordenador do Núcleo de Idiomas do IsF – Nucli, na época, Dr. Henrique Leroy, a fim de compartilharmos nossas experiências e discutirmos textos teóricos sobre o ensino-aprendizagem de línguas.

Segundo Garcia e Leiva (2014, p.199), o termo translinguagem foi utilizado pela primeira vez por Cen Williams, no ano de 1994, em galês. Referia-se a uma prática pedagógica utilizada em atividades de *reading* e *writing*, na qual os alunos eram encorajados a alternar Inglês e Galês. Desde então, o termo tem sido utilizado por diferentes teóricos²², sempre relacionado às práticas fluidas de linguagem e ao uso flexível de recursos linguísticos por falantes bilingues. Para as autoras,

[...] what makes translanguaging different from these other languaging practices is that it is transformative, attempting to wipe out the hierarchy of languaging

²¹ Ensinar inglês não pode mais ser tomado como simplesmente ensinar língua” (RAJAGOPALAN, 1999, p.200).

²² Citados por Garcia e Leiva (2014).

practices that deem some more valuable than others. Thus, translanguaging could be a mechanism for social justice, especially when teaching students from language minoritized communities.(GARCIA& LEIVA, 2014, p.200)²³.

O conceito de translinguagem, para elas, difere das demais práticas de uso flexível da linguagem, porque é uma prática que quebra a hierarquia, a valoração de algumas línguas sobre outras, transformando a realidade dos falantes, libertando-os de discursos e práticas linguísticas opressoras, agindo como um mecanismo de justiça social.

As autoras definem o conceito de translinguagem a partir da teoria de *autopoeisis* de Maturana e Varela que “argues that we cannot separate our biological and social history of actions from the ways in which we perceive the world. (GARCIA& LEIVA, 2014, p.201).” Ou seja, para os autores o conhecimento é *enactive*, e não inato (como compreendido por algumas correntes teóricas sobre o conhecimento e a linguagem). Ele é aprendido por meio da interação dinâmica entre um organismo e o ambiente.

For Maturana and Varela, autopoietic languaging refers to the simultaneous being and doing of language as it brings us forth as individuals, at the same time that it continuously constitutes us differently as we interact with others.(GARCIA& LEIVA, 2014, p.202)²⁴.

Para as autoras, não é suficiente dizer que a linguagem consiste de práticas e ações sociais, mas é importante questionar e mudar estas práticas quando elas reproduzem desigualdades, produzindo um novo discurso por meio da prática translíngua.

O *trans* que aparece na palavra *translinguagem* é trazido pelas autoras a partir dos trabalhos de Ortíz e Mignolo²⁵. O conceito de transculturação de Ortíz, que se refere ao processo complexo e multidirecional de transformação cultural, é um processo não passivo, no qual os dois lados da equação são modificados, e do qual uma nova realidade complexa emerge. Um novo fenômeno original e independente. Segundo as autoras, a transculturação de Ortíz, dissolve diferenças sólidas enquanto cria novas realidades.

It is not two two fixed identities that are combined [...] the concept of

²³ [...] o que faz a translinguagem diferente dessas outras práticas linguísticas é que ela é transformadora, tentando eliminar a hierarquia das práticas de linguagem que consideram algumas mais valiosas do que outras. Assim, a translinguagem poderia ser um mecanismo para a justiça social, especialmente quando se ensina alunos de comunidades de línguas minoritizadas (GARCIA & LEIVA, 2014, p.200, tradução nossa).

²⁴ Para Maturana e Varela, a linguagem autopoiética refere-se ao ser e ao fazer simultâneos da linguagem, à medida que nos apresenta como indivíduos, ao mesmo tempo em que continuamente nos constitui de maneira diferente à medida que interagimos com os outros (GARCIA & LEIVA, 2014, p.202, tradução nossa).

²⁵ Citados pelas autoras.

transculturación breathes life into reified categories, bringing into the open concealed exchanges among peoples and releasing histories buried within fixed identities. (GARCIA & LEIVA, 2014, p.203)²⁶.

Assim, Garcia e Leiva (2014) explicam que o termo translinguagem vai além de *code-switching* ou de outras práticas multilíngues. Apoiando-se no conceito de *transculturación*, a translinguagem é sobre uma nova realidade linguística, independente dos repertórios envolvidos, resultando em uma nova forma de ser e agir em um contexto social, político e cultural diverso.

Translanguaging brings into the open discursive exchanges among people in ways that recognize their values of languaging. In allowing fluid discourses to flow, translanguaging has the potencial to give voice to new social realities.(GARCIA& LEIVA, 2014, p.204)²⁷.

Para Mignolo²⁸, a *transculturación* envolve “*border thinking*²⁹”, ou seja, um pensamento proveniente da margem do sistema mundial moderno/colonial, e entre línguas e suas relações históricas. Garcia e Leiva (2014) explicam que Mignolo apresenta um olhar para a linguagem a partir de contextos sociais, políticos, culturais e históricos diferentes. A nova linguagem que emerge da margem, segundo o autor, não está ligada a uma identidade nacional e tem como objetivo decolonizar o conhecimento intelectual dominante. Pois,

In translanguaging, the speaker is situated in a space where alternative representations and enunciations can be generated because buried histories are released and alternative, conflicting knowledges are produced.(GARCIA& LEIVA, 2014, p.205)³⁰.

Desta forma, a translinguagem, conforme definida pelas autoras, constitui-se de práticas e ações sociais que legitimam um processo político de transformação social e de subjetividades, e que seguem produzindo translinguagem. Além de desafiar a concepção de língua como algo autônomo e puro, a translinguagem como produto do pensamento da

²⁶ Não são duas identidades fixas que são combinadas [...] o conceito de *transculturación* [...] que dá vida a categorias reificadas, trazendo à tona trocas ocultas entre os povos e liberando histórias enterradas dentro de identidades fixas. (GARCIA & LEIVA, 2014, p.203, tradução nossa).

²⁷ A translinguagem traz à tona trocas discursivas entre as pessoas de forma que reconhece seus valores de linguagem. Ao permitir o fluxo de discursos fluidos, a translinguagem tem o potencial de dar voz a novas realidades sociais (GARCIA & LEIVA, 2014, p.204, tradução nossa).

²⁸ Citado por GARCIA & LEIVA, 2014.

²⁹ Pensamento da borda, ou pensamento da margem do sistema.

³⁰ Na translinguagem, o falante é situado em um espaço no qual representações e enunciados alternativos podem ser gerados porque histórias escondidas são liberadas histórias e conhecimentos alternativos e conflitantes são produzidos. (GARCIA & LEIVA, 2014, p.205, tradução nossa).

margem, do conhecimento subalterno, concebida a partir de uma posição bilíngue de entremeio, muda o locus da enunciação e resiste às assimetrias do poder que “repertórios bilíngues” normalmente criam. (GARCIA& LEIVA, 2014, p.206).

Ocupando meu lugar como habitante da fronteira, um lugar de constante negociação de sentidos, de “*trans-sujeitos* e de práticas translíngues” (LEROY, 2018), foi que comecei a compreender este caráter (r)existente da Língua Inglesa a partir dessa outra perspectiva. Durante minha curta experiência como professora-bolsista do programa Idiomas sem Fronteiras – IsF, tive a oportunidade de compartilhar minha visão do Inglês com dois grupos bastante distintos: o dos alunos da Unila, sujeitos translíngues já atravessados por discursos libertadores e decoloniais; e os alunos do 5º ano do ensino fundamental de uma escola municipal de Santa Terezinha/PR³¹, em seu primeiro contato com a língua.

Foi durante esta experiência que compreendi que mesmo trabalhando com metodologias muito diferentes, a posição que eu assumia em sala de aula, compreendendo o Inglês Internacional já a partir da perspectiva da translanguagem e trabalhando com práticas translíngues, poderia produzir mudanças significativas neste espaço, possibilitando-me

[...] ocupar nossos lugares políticos em um mundo que está cada vez mais desumano, opressivo, preconceituoso e violento. A ideia é que os oprimidos, conscientizados criticamente da contradição em que vivem, se transformem em seres em contante estado de libertação, fazendo suas vozes serem ouvidas para não mais obedecerem às forças dominantes. (LEROY, 2018, p.36).

A experiência que tive durante o programa IsF e os projetos de extensão da UNILA, e as discussões durante a disciplina ministrada pelo professor Henrique³² abriram minha mente para pensar a língua como resistência por meio do conceito de translanguagem, porque apesar de eu já entender essa língua como híbrida, carregada de marcas dos falantes, fluida, pluricultural, eu ainda não tinha relacionado-a à ideia de resistência.

O Inglês Internacional são os falantes não nativos resistindo ao poder opressor da “língua padrão”, uma variedade normativa, que na realidade não é falada por ninguém. Nas práticas translanguageiras que fazemos uso ao falar Inglês, pegamos a língua, viramos ela do avesso, a usamos da forma que queremos, negociando sentidos e, assim,

³¹ Esta experiência fez parte do Projeto de Extensão *Looking Foward*, também coordenado pelo professor Dr. Henrique Rodrigues Leroy, que visava proporcionar aos alunos do 5º ano um contato inicial com a Língua Inglesa, antes de eles iniciarem seu estudo oficial no 6ºano.

³² Disciplina “Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa Adicional: práticas translíngues, transculturais e decoloniais em contexto transfronteiriço”, ministrada pelo professor Dr. Henrique Rodrigues Leroy, que cursei como aluna ouvinte durante a Especialização em Ensino-Aprendizagem de Línguas Adicionais.

resistimos. Ver isso tudo acontecer e fazer parte de um espaço no qual eu podia ser falante desta variedade global da Língua Inglesa, foi uma experiência transformadora e libertadora. Além disso, comecei a pensar em como eu poderia mudar minha prática como professora de língua, pois todo o contato que eu tinha tido com o ensino-aprendizagem de línguas, até o momento, tinha sido a partir de uma perspectiva normativa e opressora, logo minha prática só poderia ser uma prática cega, insensível a todas estas questões sociais, culturais, políticas e históricas.

Foi depois de 9 anos vivendo, trabalhando e estudando na fronteira e na UNILA, local já atravessado por um pensamento decolonial no qual circulam trans-sujeitos, que compreendi que a visão que eu tenho da língua, a forma como eu me relaciono com a Língua Inglesa hoje, o conteúdo que eu consumo em Inglês, é um conteúdo de (r)existência. De sujeitos que existem resistindo o tempo todo, ou ainda, de sujeitos que resistem para existir. Compreendi que é justamente isso que precisava trazer para a prática docente: a língua em sua face de (r)existência, pois assim eu poderia proporcionar aos alunos uma *trans-reflexão* sobre a linguagem. Mas, logo em seguida eu me perguntava: Como vou aplicar isso em sala de aula?

O conceito de translinguagem além de apontar os caminhos para o trabalho em sala de aula, mostrou que a postura que temos como professor, perante a linguagem, é o que irá fazer com consigamos passar para o aluno a ideia de língua como meio no qual as resistências se materializam. Nas turmas de Inglês que tive na UNILA, essa tarefa era relativamente fácil, porque os alunos já estão atravessados por este discurso transgressor, crítico, de desconstrução. Os alunos já estão nesse meio, a problematização é algo que faz parte deles, o tempo todo. Mas, quando eu chegava na sala de aula do 5º ano, lá de Santa Terezinha/PR, como eu iria fazer a diferença com aquelas crianças? Era a minha postura com relação a língua, era eu já apresentar a eles a Língua Inglesa como algo fluido, híbrido, algo que eles poderiam participar, colaborar, se divertir e não se sentirem intimidados.

Uma atividade que eu fazia com as crianças, era falar como eram os nomes deles em Inglês, ou como eles poderiam tentar pronunciar seus nomes em inglês (já aproveitando para trabalhar os sons dos consoantes e das vogais), e eles se divertiam, e queriam saber os nomes dos pais deles, dos irmãos, perguntavam, participavam. Era uma brincadeira boba, que eu fazia às vezes no início, às vezes no final da aula, mas que já servia como introdução nesse mundo translíngue. Nas experiências que tive como aluna de outras línguas, como árabe e mandarim, por exemplo, na segunda aula, os professores já nos

davam um nome na nova língua, e a partir daí passamos a nos tratar (com o professor e entre nós alunos) por este novo nome. Desta forma, a partir do momento em que não adotamos uma prática parecida, na minha opinião, já configura um pequeno ato de resistência. Além disso, sempre que tinha oportunidade, eu explicava aos alunos que todas as línguas são valiosas, que se tivessem oportunidade de aprender em casa, qualquer outra língua como Espanhol, Guarani, Árabe, Chinês, línguas muito comuns na região da fronteira, eles deveriam se dedicar e aprender, porque todas as línguas são importantes e nos proporcionam experiências únicas na vida, e que saber uma língua é algo único, especial, muito valioso e ninguém poderia tirar isso deles no futuro.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência que vivi como falante do Inglês Global, me fez pensar em como mesmo em um ambiente opressor, a língua era livre e nos permitia resistir. O ambiente em que vivíamos e trabalhávamos era parte do aparelho ideológico³³ da dominação e opressão americana. Uma empresa, multinacional da exploração do petróleo, “sugando” a mão de obra qualificada, barata, de países mais pobres (Brasil, Tailândia, Hungria). Custávamos para os Estados Unidos três vezes menos que um trabalhador americano. No entanto, neste ambiente, símbolo do imperialismo americano, a língua nos permitia resistir e transitar livremente. Era por meio deste Inglês, carregado de marcas de nossa brasilidade que negociávamos melhores condições de trabalho e melhores salários. Esta negociação, na maioria das vezes era dupla, pois ao falarmos com um trabalhador também falante não-nativo da Língua Inglesa, negociávamos sentidos, e nos compreendíamos em processos de identificação que somente os falantes desta variedade global podem compartilhar.

Já na fronteira, em um contexto totalmente diferente, outra experiência com a língua, agora em sala de aula (tanto como aluna, quanto como professora), me fez questionar práticas docentes normativas e opressoras por meio das quais me constituí e nas quais eu ainda me apoiava para trabalhar com o ensino de Língua Inglesa. E em contato com o conceito de translíngua, compreendi que a visão que eu tenho da língua, a forma

³³ Segundo Althusser, a sociedade possui aparelhos repressivos e ideológicos (polícia, família, igreja, política, escola, etc.) que se incumbem da manutenção do *status quo*. Estes aparelhos se “caracterizam pelo fato de colocarem em jogo práticas associadas a lugares ou a relações de lugares que remetem às relações de classes sem, no entanto, decalcá-las exatamente” (PÊCHEUX e FUCHS, 1993, p.166).

como me relaciono com a Língua Inglesa hoje e o conteúdo que consumo em Inglês, é um conteúdo de (r)existência. De sujeitos que existem resistindo o tempo todo, ou ainda, de sujeitos que resistem para existir. Compreendi, então, que era justamente isso que precisava trazer para a prática docente: a língua em sua face de (r)existência, possibilitando reflexões mais profundas sobre a linguagem. Além disso, minha postura perante a Língua Inglesa, a forma como eu me relaciono com a língua (um sujeito translíngua), é o que irá fazer com que minha prática docente seja também translíngua, colocando a língua como meio no qual as resistências se materializam.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert & RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica)**. (Trad. Vera Porto Carreiro). Rio de Janeiro: Universitária, 1995. (p.231 a 249). Disponível em: <https://goo.gl/s3MJxB>. Acesso em: 17jun. 2019.

GARCÍA, O.; LEIVA, C. Theorizing and Enacting Translanguaging for Social Justice. In:BLACKLEDGE, A.; CREESE, A. **Heteroglossia as Practice and Pedagogy**. Heidelberg, New York, London: Springer, 2014, p. 199-216.

LEROY, Henrique Rodrigues. **Dos Sertões para as Fronteiras e das Fronteiras para os Sertões:as (in)visibilidades das identidades performativas nas práticastranslíngues, transculturais e decoloniais no ensinoaprendizagemde Língua Portuguesa Adicional da UNILA**. 2018. 285 f. Tese (Doutorado em Letras) Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual do Paraná - UNIOESTE, Cascavel. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/3870>. Acesso em: 17 jun. 2019.

LOPES, Luiz Paulo da MOITA. Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: ideologia lingüística para tempos híbridos. **DELTA**.2008, vol.24 no.2.

PÊCHEUX, Michel. Língua e ideologia. (p. 77 a 84). In: PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. (Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al.). 5.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014

PÊCHEUX, Michel e FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). (p.163 a 179). In: GADET, Françoise & HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. (Trad. Bethânia S. Mariani et al.). 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Of EFL teachers, conscience, and cowardice. **ELT Journal**, vol. 53, n.3., 1999. p. 200-206.

_____. The 'Outer Circle' as a role model for the 'Expanding Circle'. **English Today** 98, vol. 27, n.4., 2011. p.58-63.